

# A antropologia no banco dos réus

Jornalista americano revela que o consagrado Napoleon Chagnon provocou guerras e doenças entre índios ianomâmis

**TREVAS NO EL DorADO**  
 Patrick Tierney  
 Tradução Benito de Lima  
 Edouard, 525 páginas  
 R\$ 43,50

ANDRÉ BRUGNI

Todos sabem que fome, peste e guerra trazidas pelo homem branco eliminaram 90% dos índios da América do Sul. E que, se no passado os cavaleiros deste apocalipse foram conquistadores ibéricos, em tempos recentes o papel tem cabido a garimpeiros e governos do próprio Novo Mundo. Mas poucos deixam de surpreender-se com as alegações de que, entre os exterminadores atuais, incluem-se também consagrados antropólogos e cientistas ocidentais. Que, a pretexto de "estudar" a tribo ianomâmi, disseminaram as doenças, os conflitos e a escassez que dizimaram boa parte desses habitantes da fronteira entre Brasil e Venezuela.

A denúncia da intervenção homicida dos estudiosos estrangeiros sobre os ianomâmis começou timidamente, na década de 70. Engrossou ano após ano com o depoimento de missionários amazônicos, etnógrafos sul-americanos e membros da imprensa. Mas o terremoto acadêmico só se instalou de vez com a publicação de *Trevas no Eldorado*, do jornalista americano Patrick Tierney, em fins de 2000. O livro fez a Associação Americana de Antropologia finalmente criar uma comissão para investigar atividades de seus membros envolvidos, mas o assunto ainda é objeto de grande controvérsia.

Não é por acaso que o título escolhido por Tierney contém a palavra mais cara ao imaginário dos grandes exterminadores de índios dos séculos passados. A miragem do Eldorado, país mítico criado por imigrantes incas no Planalto das Guianas, com uma capital de ouro maciço nunca encontrada, remete não só à região onde habitam os ianomâmis, mas também a conceitos como ambição e materialismo. Que, segundo Tierney, seriam os móveis de muitos antropólogos modernos interessados nas cabeceiras do Rio Orenoco. Principalmente seu compatriota Napoleon Chagnon.

Hoje, quase ninguém acredita na existência do Eldorado. Mas muitos ainda buscam ouro, fama fácil ou um diploma de doutorado às expensas dos índios daquele pedaço de selva de difícil acesso. De idioma e tipo sanguíneo absolutamente ímpares, eles foram retratados por Chagnon, após numerosas visitas entre 1964 e 1995, como grupos cruéis, traiçoeiros e corruptos, que se matavam em primitivas disputas sexuais. Publicado em 68, seu relato *Yanomamo: The fierce people (Ianomâmi: O povo feroz)* fez carreira meteórica, e parecia a prova cabal de que Rousseau era tão ingênuo quanto seu *bon sauvage*.

Quando se descobriram, na década de 90, as "ligações perigosas" de Chagnon com padrões do garimpo clandestino venezuelano em terras indígenas (incluindo uma amante do ex-presidente Carlos Andrés Peres, afastado do cargo por corrupção no processo que culminaria com a chegada de Hugo Chávez ao poder), cientistas e missionários já haviam denunciado que ele não só distorceria fatos geográficos, históricos e humanos para garantir sucesso a seus livros, filmes e teses, mas também era responsável direto pela morte de 25% dos milhares de pacatos e diminutos ianomâmis em menos de dez anos, principalmente através de epidemias.

A primeira estocada de Tierney contra Chagnon foi o artigo-paródia "O antropólogo feroz" (publicado na revista *The New Yorker*), mas é em *Trevas no Eldorado* que o retrato emerge por

completo. Descrito como um provinciano anticomunista, costumeiramente envolvido em brigas em bares, o atlético Chagnon enxergaria como parâmetros do comportamento ianomâmi aqueles que, na verdade, eram de sua civilização: sexo e violência. Era isso, aliás, que os universitários americanos desejavam ver, e portanto foi isso o que ele tratou de incluir nos seus documentários. Guerras tribais, combates individuais por mulheres e festas de aliança militar teriam sido ensaiados, às vezes até realmente estimulados, pelo antropólogo americano, para o registro das suas câmeras.

A obsessão de Tierney em documentar tais denúncias se reflete na torrente de notas que ocupam 20% do livro, detalhando as fontes de cada alegação. Entre essas fontes se incluem fitas de áudio, sem cortes, referências à expedição que, patrocinada pela Comissão de Energia Atômica

O objetivo da expedição, para a qual os EUA deram US\$ 2,2 milhões, seria testar a mutação genética e o acúmulo de radiação num povo "puro"

dos Estados Unidos, levou Chagnon à Venezuela em 1968. Elas revelariam como os filmes foram editados para parecer que os ianomâmis eram ferozes e perigosos, e os antropólogos, heróis altruístas.

O objetivo principal da expedição, para a qual Washington destinou 2,2 milhões de dólares, teria sido testar a taxa de mutação genética (e provavelmente o acúmulo de estrôncio 90) nas gerações de um povo "puro", para comparar com a das vítimas de Hiroxima e ajudar a fixar o padrão aceitável de radiação nos Estados Unidos. Cientistas venezuelanos, influenciados por seu pares americanos, já haviam promovido àquela altura injeções de iodo radioativo em alguns ianomâmis, e observaram que eles absorviam muito mais rápido que outros povos.

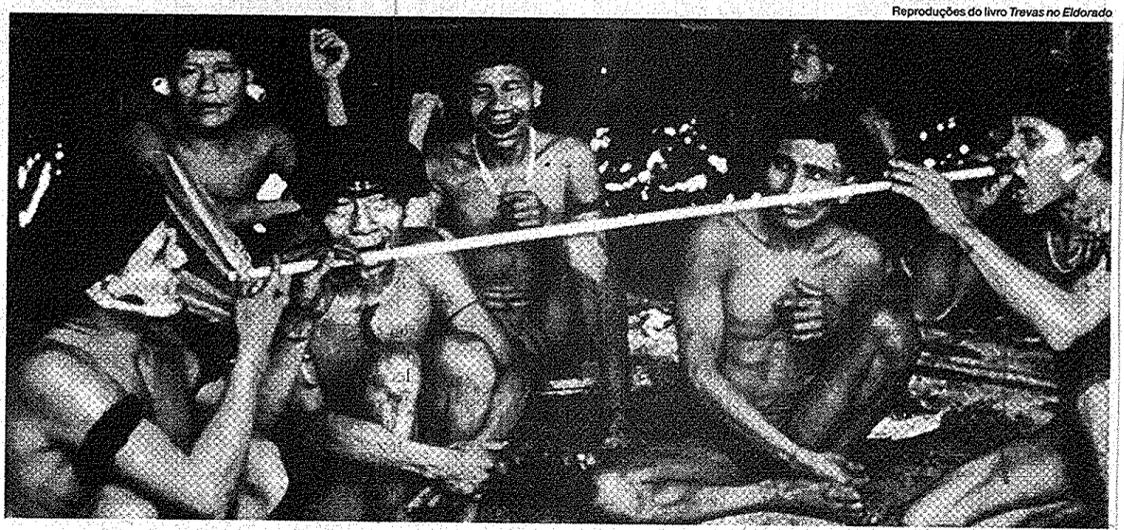
Nenhuma vantagem trazia a nova pesquisa para os ianomâmis, convencidos, mediante utensílios e bugigangas trazidos por Chagnon, a doar amostras de

Guerras tribais e combates por mulheres teriam sido ensaiados e até estimulados pelo americano, para as câmeras registrarem a violência dos índios

sangue em massa para os testes. O vai-e-vem dos ocidentais pelas aldeias, com suas seringas, presentes de metal e cigarros partilhados com os índios, multiplicou a broncopneumonia e a malária.

Mas o mais grave foi a inexplicável aplicação, nos índios, de uma vacina obsoleta contra o sarampo. Por causa de seu patrimônio genético menos preparado para doenças européias, os ianomâmis, como era de se esperar, pegaram, ao que tudo indica, sarampo através da vacina. Acreditando que a doença era causada por maldições de aldeias rivais, muitos fugiram para a selva, levando mais longe a epidemia. Há indícios — tais como grupos de controle — de que a instalação do surto tenha sido deliberada, para observar a que taxas reagia uma população virgem (havia poucas no mundo já então) em face de uma doença nova.

Esse estudo foi comandado *in loco* pelo geneticista americano James Neel (descobridor do gene da talassemia), mentor de Chagnon e retratado por Tierney coríon um monstro eugenista,



Reproduções do livro *Trevas no Eldorado*

convencido de que a democracia, com seu apoio sentimental aos mais fracos, viola a seleção natural. Neel pretendia ver nos ianomâmis a prova de que, num povo saudavelmente primitivo, agressividade e astúcia fazem triunfar e reproduzir-se os melhores.

Contudo, de acordo com Tierney e muitos outros, os únicos períodos em que a violência irrompeu entre as aldeias coincidem, no tempo e no espaço, com a presença de Chagnon, Neel e outros estranhos que,

com seu hábito de comprar comportamentos dos índios com utensílios, desequilibram a economia, a política e a demografia local, criando rivalidades e ajudando a instalar no poder jovens briguentos. Típico caso de interferência deliberada do observador no objeto de estudo, pecado imperdoável em ciência. O crescente infanticídio ianomâmi contra o sexo feminino, relatado por Chagnon como procedimento para evitar tabus de amamentação e permitir a continuidade da copulação com as mães, é atribuído por Tierney e outros à escassez de alimentos oriunda desse desequilíbrio econômico e populacional. Criar mulhères era difícil em tal contexto.

Foi esse infanticídio externamente induzido que gerou, com o tempo, escassez de mulheres adultas e consequente aumento de raptos em outras aldeias — comportamento que Chagnon viu como frutosa "ferocidade" e apetite sexual dos ianomâmis.

Outro antropólogo contra quem Tierney dirige suas baterias é o francês Jacques Lizot, descrito como um fauno dos trópicos. Expulso de duas aldeias missionárias por sexo pago com crianças ianomâmicas, instalou-se numa tribo próxima e passou a fazer campanha contra os salesianos, acusando-os de aculturar os índios e de apoiar (o que era verdade) o assentamento de camponeses no alto Orenoco. Enquanto isso, Lizot criou para si um harém de meninos índios, a quem instava a usar desodorantes, adormar-se e fumar cigarros.

Quando o missionário que mais o criticava morreu acidentalmente (?) na queda de um trator, Lizot recompensou o padre que dirigia o veículo com uma bolsa de estudos na França.

Discípulo de Lévi-Strauss e do estruturalismo (por cuja passividade científica Tierney manifesta franca ojeriza), Lizot passou 25 anos entre os ianomâmis, tendo encontrado em Chagnon solidariedade na que-rela com os religiosos e companhia para bebedeiras na selva.

André Brugni é jornalista

O antropólogo Napoleon Chagnon (foto ao lado) é acusado de ter explorado os ianomâmis do Brasil e da Venezuela, de onde foi expulso depois de deixar um rastro de doenças e conflitos provocados por sua maneira pouco ortodoxa de influir na cultura que deveria estudar



## Revista denunciada

Hoje, Chagnon não só é odiado por remanescentes dos ianomâmis (que lhe atiraram pedras quando tentou pousar ali em 1993), como se tornou *persona non grata* na Venezuela e no Brasil. Caracas o expulsou no mesmo ano, quando vieram à tona os detalhes de suas relações com o garimpo e massacres de índios (chegou a dar espingardas a alguns deles). A Funai praticamente fez o mesmo, quando o descobriu, dois anos depois, tentando retirar amostras de sangue de nossos índios em Roraima, onde só conseguira entrar, segundo Tierney, por pressões da revista *Veja*, sob argumento de que integraria uma missão jornalística.

O jornalista americano dá a entender que *Veja* — por ele denominada um "seminário conservador" — teria na ocasião ajudado a pagar idéias agradáveis a "direitistas" e garimpeiros do Brasil. Em entrevista à publicação, Chagnon teria ganho espaço para acusar missionários, "antropólogos esquerdistas" e ONGs de aculturar os índios (ao tentar ajudá-los em questões sociais e políticas), quando deveriam apenas estudá-los. Para Tierney, tal entrevista era "coerente com a linha editorial da revista", que "repetia" as críticas aos alvos da fúria de Chagnon.

Outra conduta de brasileiros de que Tierney reclama é a da Polícia Federal em Roraima — que o teria mantido preso por algum tempo para impedi-lo de investigar pistas de aterrissagem dos garimpeiros em terras indígenas — e do governo Sarney, que, em 1988, deixando-se levar pela balela do "povo feroz", teria permitido a ocupação legal de terras da reserva pelo garimpo, não fosse a reação — essa sim feroz — de ativistas brasileiros.

Tierney elogia por é a Associação Brasileira de Antropologia, que se queixou formalmente à congênera americana sobre Chagnon em fins da década de 80, sem obter a merecida aten-

ção na época. E destaca que a ameaça de uma passeata organizada aqui impediu que o antropólogo viesse à Amazônia em 1989.

De estilo fragmentário, com períodos curtos e saltos no tempo, a obra é de leitura exigente, mas indispensável aos que pretendem conhecer de perto uma das polémicas mais atuais da antropologia. Trata-se, no fundo, de uma etnografia que tem por objeto os próprios etnógrafos, de ciência sobre os próprios cientistas sociais. Exercício necessário, numa época em que sociólogos chegam à Presidência da República. (AB)

